

22 JUN 2003

BRASIL

SAÚDE

Só depois de consultar vários especialistas, Gladstone Faustino descobriu a origem de seu desconforto: lesão do nervo trigêmeo. Fez três cirurgias e tratamento psicológico para aprender a lidar com a doença

Forte como uma punhalada

Foram 156 dias de agonia. Antes de encontrar alívio para a dor mais intensa já registrada pela medicina (a nevralgia do trigêmeo), Gladstone Faustino peregrinou de médico em médico. Ele procurou dentistas, oftalmologistas, ortopedistas e clínicos gerais. Nenhum sabia o que provocava aqueles choques paralisantes no rosto.

Somente depois de bater muita perna, o aposentado descobriu o motivo do problema. O nervo trigêmeo — da face — estava lesionado e emitindo mensagens de dor, de tempos em tempos. O impulso era o mesmo que ele sentiria se levasse uma punhalada no rosto. Solução mais simples? Uma cirurgia no crânio, já que nenhum analgésico fazia efeito. Ele topou na hora. Qualquer coisa para acabar com aquela agonia.

Gladstone tomou a anestesia, foi para o mesa de operações e saiu de lá cego do olho direito. O procedimento tinha sido malfeito. “E o pior de tudo é que a dor continuou”, reclama. Depois desse incidente, ele finalmente descobriu a existência dos especialistas em dor. Em Brasília, existe um único centro especializado no tema, dentro do Hospital de Base.

Ao encontrar o profissional correto, o morador do Guará teve a primeira melhora aparente. O médico suspendeu todos os medicamentos, para avaliar melhor o quadro. Em seguida, deu-lhe uma tabela para medir a intensidade da aflição. O aposentado também recebeu trata-

DESCONFORTO NO CÉREBRO

A nevralgia do trigêmeo ou “tique doloroso do rosto” é uma doença que provoca dores faciais intensas e de curta duração — embora em intervalos frequentes. O problema costumam aparecer após os 50 anos de idade e é predominante nas mulheres. Ele pode ou não ter uma causa identificada. O comum é que o nervo do trigêmeo (que recobre praticamente toda o rosto) sofra alguma lesão ou seja pressionado pela artérias. Por conta disso, ele emite impulsos periódicos de desconforto para o cérebro. As dores são descritas como uma punhalada ou tipo de choque elétrico. Normalmente, afetam apenas um lado do rosto.

mento psicológico e, aos poucos, foi controlando melhor a dor. Quando estava mais confiante, submeteu-se a duas novas cirurgias. Dessa vez com sucesso. “Sei que posso sentir tudo aquilo de novo, a qualquer momento”, relata. “Mas, pelo menos, não vou sofrer tanto pois descobri como agir e a quem procurar.”

Assim como Gladstone, a

Ricardo Borba



VÍTIMA DE DOR CRÔNICA, GLADSTONE APRENDEU COMO AGIR E A QUEM PROCURAR NA HORA DA CRISE

maioria dos pacientes de dor crônica passa por uma via-crúcis antes de encontrar alívio. No Brasil, cerca de 50% deles se tornam parcial ou totalmente incapacitados para o trabalho. Um em cada cinco larga o emprego. Justamente por isso, o custo econômico da doença é alto. Estudos ingleses mostram que, no Reino Unido, gasta-se mais com a dor nas costas do que com todos os tipos de

cânceres. Culpa das sucessivas cirurgias, licenças e atestados médicos decorrentes de diagnósticos errados. Nos Estados Unidos, os custos diretos e indiretos com o mal atingem US\$ 150 bilhões a cada ano.

“O tratamento da dor crônica exige uma equipe multidisciplinar com médicos, psicólogos e assistentes sociais”, explica o professor de anestesiologia da

Universidade de Brasília (UnB), João Barbosa. Segundo ele, a consulta na clínica de dor “é quase uma confissão.” Os profissionais checam não apenas a fisiologia daquela sensação. Eles procuram desvendar suas possíveis causas. A origem pode estar no organismo, mas também em crises pessoais, estresse e até mesmo no cheque especial. (Guafra Índia Flor)

ONDE O BRASILEIRO SENTE MAIS DOR

- 1) Dores abdominais
- 2) Dor ao urinar
- 3) Enxaquecas e dores de cabeça
- 4) Dores nas articulações
- 5) Dor nas costas

Ai, como dói!

A dor é considerada um sinal vital, assim como a temperatura, pressão, batimentos cardíacos e dificuldade para respirar. Portanto, desde 2001, deve fazer parte dos exames de rotina nos consultórios médicos. Se ela aparecer em excesso e com frequência, é um forte sinal de alerta de que algo não vai bem. Confira, a seguir, a escala da intensidade da dor

Leve (níveis 1, 2 e 3)

O exemplo mais comum é a dor que surge quando a pessoa exagera na ginástica

Moderada (níveis 4 e 5)

Dor de estômago e gastrites

Intensa (níveis 6, 7, 8)

Dores de cabeça e enxaqueca

Insuportável (níveis 9 e 10)

Cólica renal, provocada por pedras nos rins; dor de parto; nevralgia do trigêmeo (nervo da face). A literatura médica narra caso de pessoas que se suicidaram por não suportarem a intensidade dessa dor.